

10 No. 27424<sup>2</sup>

ANA DE CASTRO OSORIO

2.200



*ofelia*  
**O PRINCIPE DAS MAÇAS  
DE OIRO**

GUIMARÃES E C<sup>^</sup>A EDITORES · R. DO MUNDO 68 LISBOA



$\frac{L}{27494}$

O PRINCIPE DAS MAÇÃS DE OIRO

COMPOSTO E IMPRESSO  
NA Imprensa LUCAS & C.ª  
RUA DO DIARIO DE NOTI-  
CIAS, 59, 61 — LISBOA  
TELEFONE 2 1469

DEP. LEG.

ANA DE CASTRO OSÓRIO

*Lo*  
*274 94 3*

O PRINCIPE

DAS

MAÇÃS DE OIRO



*R.* 127676

A afilhada de S. Pedro  
A princesa e o pobre aldeão  
História do Rei Turco



Livraria Editora  
GUIMARÃES & C.ª  
68, Rua do Mundo, 70  
LISBOA — 1935



O PRINCIPE  
DAS  
MAÇÃS DE OIRO





Havia um rei que tinha três filhos. No jardim do seu palacio havia uma arvore que todos os anos devia dar nove maçãs de oiro, mas o rei nunca lhes punha a vista em cima porque no dia em que as deviam apanhar, todos os anos se desencadeava tamanho temporal que ninguem se atrevia a sair á rua. Na manhã seguinte achavam-nas roubadas.

Mas os principes já eram crescidos e um ano disse o mais velho:

— Meu Pai, esta noite vou rondar

a nossa arvore para vêr quem é o ladrão das maçãs de oiro.

— Não vás, filho, não vás, que o temporal é muito e pode acontecer-te mal.

— Nada, eu vou vêr o que é, pois decerto é um inimigo que devemos conhecer.

Embrulhou-se na capa, pôz a espada á cinta, e foi rondar a arvore preciosa.

Mas daí a horas atacou-o um sono tão pesado, tão forte, que não poude resistir. Fechou os olhos, e quando acordou já não viu as maçãs.

Foi ter com o pai, muito envergonhado, e contou o sucedido.

No ano seguinte disse o segundo principe :

— Meu Pai, este ano é a mim que me compete guardar a arvore, para vêr quem é o ladrão das nossas maçãs de oiro.

— Não vás, filho ! Temos passado

sem elas e continuaremos a passar ; não quero que os meus filhos sofram por minha causa.

— Não posso deixar de ir ; o meu irmão foi o ano passado, este compete-me a mim.

Embrulhou-se na capa, armou-se com a sua espada, e foi rondar a arvore. O temporal era ainda mais forte do que nos outros anos, e o sono que lhe deu foi tal que não poudé deixar de fechar os olhos.

Quando acordou, já as maçãs estavam roubadas.

Muito desesperado, apresentou-se ao rei, que o desculpou.

No ano seguinte disse o principesinho mais novo, que era ainda uma criança de dez anos.

— Meu Pai, este ano sou eu que vou guardar a arvore.

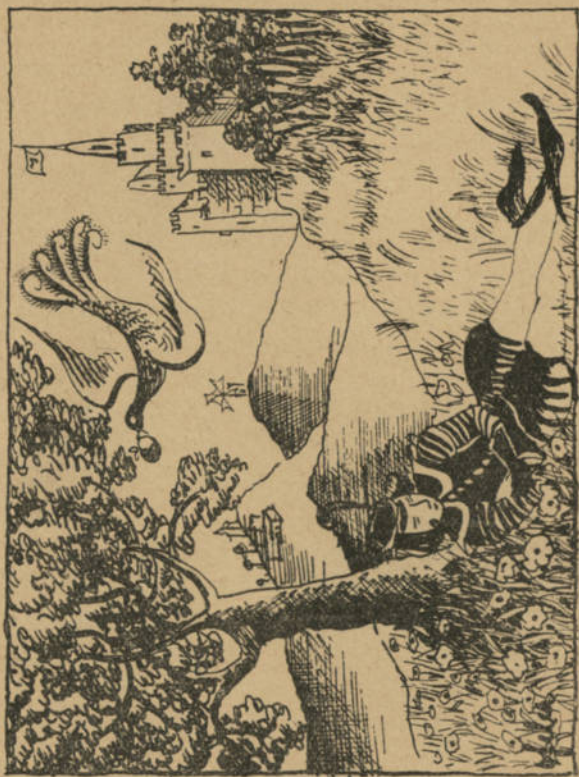
— Que loucura, meu filho ! Pois os teus irmãos, que são uns homens, não conseguiram nada ; tu, que és um pe-

quenito, o que has-de fazer? Nada, não consinto que vás expôr-te ao temporal, e sabe Deus ao mais que te poderá acontecer!

— Não, meu Pai, não lhe faço a vontade; meus irmãos já foram, agora cabe-me a vez a mim.

Envolveu-se no seu capotinho; pegou numa pistola, e foi para o jardim. O temporal veio ainda mais forte do que nos anos precedentes, e o sono que o atacou era quasi invencível.

Mas a criança, com uma grande coragem, foi sempre resistindo até que, não podendo mais, fechou os olhos um instante. Quando, logo, os abriu em sobressalto, viu um lindo passaro com plumagem de oiro, levando no bico uma das maçãs. Puxou da sua pistola e deu-lhe um tiro, que mal o tocou, mas que lhe fez dar um grito e deixar cair uma pena. Ainda assim fugiu com a maçãzinha, sem que o principe o pudesse seguir.





Apanhou as oito maçãs restantes e levou-as ao pai, dizendo :

— Aqui tem as maçãzinhas que pude guardar. São sómente oito, porque a nona levou-a consigo a ave das penas de oiro.

Por mais que fizesse, não resisti a fechar os olhos por um momento e foi o bastante para a roubar.

— Obrigado, meu filho; tão novo e já foste um herói!

Mas nessa mesma noite o velho rei adoeceu de tão oculto mal, que não havia medico nem cirurgião que lhe soubesse da cura.

Foram buscar um sábio, que havia muitos anos se retirára da sociedade e que não queria tratar de doentes nem falar a sãos, todo entregue ao estudo e aos livros; e quizeram que fosse vêr o rei e que descobrisse o remedio para o estranho mal.

— O Rei não pode melhorar — disse o sábio — sem que lhe tragam a ave

das penas de oiro que na sua presença há-de cantar.

— Bem — disse o principe mais velho — já que esse é o remédio, vou eu procurar a ave das penas de oiro e hei-de trazê-la aqui.

O rei não o queria deixar ir, mas o principe teimou, armou-se, montou a cavalo e partiu, seguido por dois criados.

À noite chegou a uma bela hospedaria e parou para descansar pedindo que lhe dessem os melhores aposentos. Apareceu-lhe logo uma dama ricamente vestida, que o recebeu muito gentilmente e lhe disse :

— Parece que sois um cavaleiro de distinção, e portanto deveis apreciar o jôgo. Se isso não vos desagrada, podemos entreter um bocado da noite a jogar o xadrez.

O principe, na verdade, tinha o máu vicio do jôgo ; aceitou a proposta e foi jogar com a senhora. Perdeu o dinhei-



ro que trazia, os criados, os cavalos, e por fim ficou prêso por dividas.

O rei cada vez peorava mais, de modo que já pouca esperança havia de o salvar. Como o filho mais velho não voltava com o passaro das penas de oiro nem sem ele, disse o segundo:

— Vou eu agora procurar meu irmão e a ave maravilhosa que hade salvar meu Pai.

O doente ficou triste por vêr que os filhos o deixavam, mas o principe armou-se, montou a cavallo e partiu, seguido dos seus criados.

Chegou á mesma hospedaria e, tal como o irmão fizera, parou e resolveu pedir pousada para a noite. Mal tinha entrado appareceu a senhora muito bem vestida e formosa que o convidou para jogar uma partida de xadrez. Como ele tambem apreciava esse divertimento, jogou e perdeu tudo : dinheiro que trazia, criados, cavalos e, por fim, ficou

preso por não ter mais com que pagar as dívidas.

Passou-se tempo; e como esse também não aparecia e o rei cada vez peorava mais, disse o príncipezinho:

— Meu Pai, eu vou procurar os meus irmãos e trazer-lhe o passaro das penas de ouro que o hade curar.

— Meu querido filho — respondeu o doente — queres partir também e deixar-me a morrer, sem nenhum de vós que me assista aos últimos momentos?!

— Não se apoquente, Pai, que eu heide ir e heide voltar com os meus irmãos e a ave encantada. Comnosco virá a alegria e a saúde para Vossa Magestade.

Levou pouco dinheiro e a sua pistola mas não quiz criados para o acompanhar. Chegou á mesma hospedaria para passar a noite e a mesma bela dama o convidou para jogar.

— Desculpe me, gentil senhora —

respondeu delicadamente —, mas venho fatigado de jornadas e tenho que partir de madrugada. Preciso recolher-me e descansar.

Assim fez, e ainda a manhã vinha lá em casa de Deus, já estava a pé, pronto para seguir viagem. No caminho encontrou uma raposa, que lhe perguntou :

— Para onde vais, cavaleiro? Se procuras a ave das penas de ouro segue este caminho até encontrares um palácio. Entra sem dizer palavra e agarra-a sem lhe fazer festa.

A raposa desapareceu e o príncipe seguiu-lhe o conselho á falta de outros indícios. Foi até ao tal palácio; entrou sem encontrar ninguém e agarrou a ave; mas esta era tão linda, tão linda, que não pôde conter-se e disse :  
— Que beleza de passaro!

Mal pronunciou estas palavras, a ave deu um grande berro e apareceram muitos criados, que agarraram o príncipe para o matar.

— Não me matem — disse — que eu farei o que me mandarem.

— Então vae buscar a princesa que roubaram deste palacio.

O principe saiu e encontrou logo a raposa que lhe disse:

— Não seguiste os meus conselhos, vê o que te aconteceu! Agora tens de ir buscar a princesa que está naquele palacio mais longe, sentada no seu trono de oiro. Entra e procura-a. Não lhe digas nada nem lhe beijes a mão que te estender para te acompanhar.

O principe foi e encontrou a princesa sentada no seu trono de oiro, mas achou-a tão bonita e simpática que não poude deixar de lhe beijar a mão.

Mal lhe tocou, a formosa senhora soltou um grito terrivel, e logo acudiram muitos criados para matarem o roubador.

— Não me matem que farei o que me mandarem.





— Pois então vai buscar o cavalo *Pensamento*, que fugiu deste palacio.

O principe saiu e continuou o seu caminho, encontrando logo a raposa, que lhe falou :

— Não fizeste o que te mandei, agora tens que ir buscar o cavalo *Pensamento*. Olha que está naquele palácio, lá muito longe. Vai ás cavalariças e escolhe, entre todos, o que te parecer mais feio e lazarento. Arreia-o com os arreios mais velhos que lá encontrares, porque são os que lhe pertencem. Agora vê se fazes o contrario, olha que não te poderei valer mais.

O menino prometeu obedecer á sua amiga e partiu a galope.

Entrou no palacio e dirigiu-se logo ás cavalariças, onde encontrou os mais lindos cavalos das mais belas raças que tinha visto, apesar de terem fama de riqueza as cavalariças do Rei seu pai.

A um canto estava o *Pensamento*,

muito magro e despresível, feio e lazarento.

O príncipe não se resolvia a leva-lo e deixar os outros tão formosos, mas pensou no que a raposa lhe recomendára e corajosamente foi desata-lo da mangedeira. Depois, para o aparelhar, ainda pegou nos arreios mais novos por lhe parecerem os outros indecentes e indignos, não só do cavalo como de um príncipe, mas o animal estremeceu e êle percebeu a tempo que procedia mal. Foi então buscar os arreios velhos, aparelhou-o e saiu com ele.

Encontrou a raposa, que lhe disse :

— Bom, agora andaste como devias, cumprindo as minhas indicações e vencendo-te a ti proprio. Assim te salvaste. Segue até ao palacio da princesa; has-de ouvir dizer :

«Venha o cavalo para a cavaliça!»

Tu responderás :

«Venha a princesa para o cavaleiro,  
E em lá chegando falará primeiro!»



E segue. Quando passares pelo palacio da ave, has-de ouvir dizer:

«Venha a princêsa para o seu trono!»

E tu responderás:

«Venha a ave para o seu dono.

E em lá chegando cantará primeiro!»

O principe assim fez. Passou pelo palacio da princesa e ouviu uma voz gritar duma forma que arripiava os cabelos:

«Venha o cavalo para a cavaliariça!»

Respondeu logo, com todo o arrebanho:

«Venha a princesa para o cavaleiro,

E em lá chegando falará primeiro!»

Mal isto disse, a formosa senhora veio de dentro a correr, montou a cavalo e partiram num instante, levados pelo *Pensamento*.

Correndo, correndo, chegaram de frente do palacio da ave das penas de oiro, pararam e ouviram uma voz, ainda mais forte, gritar:

«Venha a princesa para o seu trono!»

Respondeu o principe do mesmo modo :

«Venha a ave para o seu dono.

«E em lá chegando cantará primeiro!»

A ave veio a voar para o ombro do principe e partiram outra vez, mas a meio do caminho appareceu a raposa, que lhe disse :

— Amigo, agora que levas tudo que te é preciso, tem cautela, que os trabalhos da vida ainda não acabaram. Não pagues dividas que não fizeste, nem comas carne de enforcado.

E, dito isto, desapareceu. Logo nessa noite chegaram á hospedaria da dama do jogo e apearam-se para descansar. Andando a passear pelo corredor em frente do quarto da menina viu um letreiro por cima duma porta, que dizia : «Quarto dos principes prêsos por dividas». Noutra : «Quarto dos criados dos principes prêsos por dividas». Muito sobresaltado, foi á cavaliariça e reco-

nheceu os cavalos que pertenciam aos irmãos e ouviu dizer :

— Os principes que não pagaram as dividas, serão mortos dentro de vinte e quatro horas.

Ficou muito aflito, dizendo consigo :

— Meus pobres irmãos, se aqui não passo hoje, quando voltasse já os não encontrava.

Sem mesmo pensar no que lhe dissera a amiga raposa, chamou logo a dama do jogo, pagou quanto deviam e cheio de alegria os abraçou ficando todos muito contentes.

Mas os irmãos, embora lhe devessem a vida, eram invejosos e ficaram desesperados por verem que conseguia sempre o que eles não podiam. Seguiram todos em comitiva e pelo caminho iam dizendo um para o outro :

— Então o mais novo é que ha-de ser o herói para tudo? Tambem é de

mais! Ele apanhou as maçãs de ouro, ele leva a ave para salvar o Pai, e ainda por cima a linda princeza para sua esposa e o cavalo *Pensamento!*

— E nós nada conseguimos senão ficar presos por dividas e passar por vergonhas!

— Pois então é melhor mata-lo e levarmos nós cada um sua coisa para o Pai se salvar.

— Não — disse o segundo — matar não, é melhor prendê-lo a uma arvore, que os animaes selvagens da floresta se encarregarão de o comer.

Chamaram o principe, pediram-lhe que se apeasse para os ouvir e, depois de o terem acusado de lhes roubar todas as glorias, amarraram-no a uma arvore e fugiram com a princesa, com a ave e com o cavalo.

Mas chegaram ao palacio do pai e:

«A princesa não falou!

A ave não cantou!

E o rei não melhorou!»

Agora o príncipe, atraído e abandonado por seus irmãos, estava mais triste do que a morte. Nisto avistou a raposa que vinha numa corrida desatinada. Chamou-a, chamou-a, mas não foi ouvido. A raposa tornou a passar para traz e para diante, como quem anda a procurar alguma coisa, e ele tanto gritou que sempre foi ouvido.

— Ah! — disse a bôa amiga — encontrei-te, enfim! Andava em tua busca e temia que alguma fera te tivesse devorado!

— Não, minha querida raposa. As fêras foram os meus irmãos que me prenderam a esta arvore e me roubaram a ave que hade curar meu Pai, a princesa que era minha noiva, e o cavalo *Pensamento* que me servia com tanta fidelidade!

— Eu não te disse que não pagasses dividas que não tivesses feito?

— É verdade, mas se eram meus ir-

mãos que iam ser mortos, o que havia de fazer?

A raposa tratou de o desamarrar e por fim, quando se viu livre, disse-lhe o príncipe:

— Agora, minha amiga, como te hei-de pagar todos os teus benefícios?

— Olha, mata-me e corta-me a cabeça.

— Ah, isso é que eu não faço, nem que me obriguem!

— É para tua felicidade e para minha.

— Se affianças que é para tua felicidade, faço-o; agora, só por causa da minha, não farei tal.

— Pois é para meu bem.

Então, com a sua espada bem afiada, degolou a raposa, mas em vez de a ver cair morta, viu-a transformar-se num belo e simpático moço, que o abraçou alegremente. A bôa da raposinha não passava de um príncipe encantado que os máus fados tinham condenado e só

voltaria á sua forma humana se um bom e leal menino o ajudasse a quebrar o encanto.

— Bom! agora — disse — vamos lá ao palacio dar vida a teu Pai, que, sem ti, nada os teus irmãos conseguem!

«A ave não cantou!

A princesa não falou!

O cavalo não mais andou!

O rei não melhorou!»

Montaram nos cavalos que os príncipes tinham deixado e partiram.

Assim que chegaram defronte da porta do palacio real, começou a ave a cantar, que era um encanto ouvi-la. O cavalo correu da cavalaria para os receber. A princesa sorriu-se e estendeu a mão ao príncipe, dizendo:

— Ainda bem que voltasteis, meu noivo!

O pai sentou-se na cama, completamente curado, abraçando-o cheio de alegria.

Os irmãos fugiram envergonhados

e ninguém mais os viu. O príncipe e a princesa casaram, houve uma grande festa e muita alegria, e o príncipe desencantado, que era um dos mais nobres cavaleiros do seu tempo, ficou a viver com eles como um irmão muito querido.



A AFILHADA  
DE  
S. PEDRO



**E**m tempos que já lá vão havia um homem e uma mulher casados que eram muito pobres.

Tinham tantos filhos que já não havia ninguém na aldeia que não fosse seu compadre, de modo que ao nascer o último filho, que era uma menina, envergonharam-se de convidar padrinhos na terra.

E disse o homem para a mulher :

— Parece mal pedir aos vizinhos e aos amigos para nos batisarem mais esta filha e então vou correr mundo até

que alguém nos queira fazer essa esmola.

A mulher concordou, fez-lhe o farnel para a jornada, e ele lá partiu.

Andou, andou, até que por fim encontrou um velho de grandes barbas brancas, vestido de mendigo, que lhe perguntou para onde ia.

O homem contou logo a sua triste vida, e o pobre — que outro não era senão S. Pedro disfarçado em pedinte — ofereceu-se para ser padrinho da criança.

O pai ficou muito satisfeito por achar uma pessoa de tão bôa vontade para lhe fazer a esmola de ser padrinho da sua filhinha, e vieram os dois para casa.

Ora o compadre prometeu proteger a afilhada, e que a sua proteção seria valiosa, mas com a condição de que não diriam a ninguém que era uma menina e andaria sempre vestida de rapaz, dando pelo nome de Pedro, que era o seu nome.

Os pais concordaram de bôamente com o desejo do velho e ele, depois de abençoar a afilhada, desapareceu prometendo voltar logo que fosse preciso.

A menina cresceu em graça e beleza, mas, como andava sempre vestida de rapaz, ninguém a tomava por mulher e não reparavam para a sua formosura. Mas na aldeia todos gostavam muito dela porque era muito inteligente e amiga de fazer vontades.

O padrinho é que se não esquecia de a mandar ensinar e aos doze anos já sabia lêr e tocar guitarra maravilhosamente.

Quando o professor da terra não tinha mais que lhe ensinar, o padrinho trouxe-lhe um rebanho de ovelhas, recomendando-lhe que todos os dias as levasse ao pasto, que depois combina-riam os lucros.

A menina assim fazia e, para não passar aborrecida aquelas horas de solidão, levava a sua guitarra, tocava e

cantava, de maneira que era um encanto ouvi-la.

Um dia, estava tocando atraz de uma arvore, quando passou na estrada o poderoso rei daquele país, com a sua numerosa comitiva.

Ouvindo musica tão suave, como só as fadas ou os anjos executariam, mandou pelos camaristas saber quem era e onde estava o artista, pois o queria levar imediatamente para a sua côrte.

A menina, que era muito acanhada, mal ouviu ruido embrulhou-se na sua manta e escondeu a guitarra debaixo do braço. Vieram os fidalgos perguntar pelo grande artista que Sua Magestade queria honrar e, vendo apenas aquele pastorsito humilde, perguntaram-lhe se tinha visto quem tocava tão admiravelmente.

— Que não sabia — respondeu a *afilhada de S. Pedro* — que houvesse naquele descampado quem tocasse tão bem, como diziam.







Voltaram ao rei com esse recado e de tal modo êle se enfureceu que não houve cavaleiro que não estremecesse de pavôr apesar de valentes e destemidos na guerra e na paz.

Como não visse mais que o pastor-sito que se afastava com o rebanho, chamou-o êle proprio, e mandou-o dessembrçar. O Pedro assim fez, tremendo como varas verdes e mostrando a guitarra que tinha procurado esconder. Ordenou-lhe o rei que tocasse e de tal fórma o fez que toda a comitiva ficou pasmada.

Cheio de admiração o rei jurou ali mesmo que nunca mais aquela criança maravilhosa saíria da sua companhia, pois naquela musica encontrava consolação para todas as suas máguas. E mandou a um dos pagens que lhe cedesse o seu cavalo e continuasse a pé.

— Não, meu Senhor — disse Pedro — eu não posso ir, porque estas ove-

lhas são do meu padrinho e não as posso abandonar aqui sem guarda.

— Eu darei o valôr delas ao teu padrinho.

— Não, meu Senhor! Se quer que eu o acompanhe de bôa vontade, deixe-me ir entregar o rebanho, que eu volto já.

Correndo como um cabritinho, foi atraz de um penedo e chamou:

— Valha-me aqui o meu padrinho!

Imediatamente lhe appareceu o velho Santo, com as suas barbas brancas e o seu pobre fato de antigo pescador, que lhe perguntou o que desejava.

— É o rei que me quer levar para o palacio porque a musica da minha guitarra suavisa a grande mágua em que vive.

— Pois bem, vai com o rei, mas não te esqueças de pedir um quarto só para ti, dizendo-lhe que sem isso não o poderás acompanhar.

O soberano concordou de bôa vontade com esse simples pedido e o pas-

torsinho seguiu na comitiva real como pessoa da maior estimação, enquanto o bom do padrinho ia levar as ovelhas e dizer aos pais o destino que levára a filha.

Ora o rei era casado com uma senhora muito má, que o tornava infeliz com o seu genio invejoso. Primeiro, quando viu o rapazinho e ouviu a sua guitarra, ficou muito contente e não havia festa que lhe não fizesse. Depois, notando a predilécção que o rei e tóda a côrte tinham pela criança, pois não havia dama nem cavaleiro que a não estimasse e procurasse ocasião de a ouvir, encheu-se de furia má, e resolveu perdê-la.

Neste proposito foi um dia ter com o marido e disse-lhe, com ar de muito boa pessoa, que o Pedro afirmára ser capaz de separar um moio de trigo doutro de cevada, no espaço de uma noite.

O rei admirou-se, mas, não querendo desfeitear a rainha duvidando da sua

palavra, chamou o Pedro e perguntou-lhe se era verdade o que lhe contára a Rainha.

— Real Senhor, tal não disse, mas se a Rainha o afirma é porque é verdade!

— Pois então has-de fazer o que a Rainha me disse e se não cumprires tens pena de morte.

A pobre menina poz-se a chorar e foi a correr fechar-se no seu quarto. Como estava muito aflita, lembrou-se do seu protetor e chamou:

— Valha-me aqui o meu padrinho!

Apareceu logo S. Pedro com o seu cajado, a perguntar que apoquentação era aquela. Contou tudo e o Santo socegou-a dando-lhe ordem para ir dizer ao rei que lhe mandasse para ali os dois moios de trigo e de cevada, que de noite os escolheria.

Depois mandou-a fechar bem a porta e tapar todas as frinchas e o buraco da fechadura, de modo que não se pudesse vêr de fóra o que se fazia.

Depois ordenou-lhe que dormisse socegada.

Mas a menina vendo avançar a noite e o trabalho por fazer encheu-se de desânimo e poz-se a chorar. E chorou tanto, tanto, que por fim adormeceu de cansaço. Alta noite acordou e qual não foi a surpresa vendo o padrinho, rodeado de lindos meninos que eram anjos do céu, a trabalhar na escolha do trigo!

Tornou a fechar os olhos e de manhã, quando despertou, viu o trabalho já pronto, o trigo a um lado e a cevada ao outro. Estava só o padrinho, a quem agradeceu cheia de contentamento.

Foi a correr participar ao rei, que veio com a sua côrte admirar a maravilha.

Todos se regosijaram por verem que o lindo pagem escapava á morte com tanta honra; só a rainha ficou raivando, por vêr que não tinha dado resultado a sua mentira.

Tempos depois voltou a dizer ao rei

que o Pedro tinha dito, a quem o queria ouvir, ser capaz de ir ao mar buscar um anel que êle lá perdêra, uma vez em que ia de viagem.

O rei mandou logo chamar o Pedro a quem perguntou se era verdade o que a rainha lhe tinha dito.

O rapaz respondeu que não, mas se a Senhora Rainha o afirmava é porque era a verdade.

— Pois, sob pena de morte — tornou o rei —, has-de fazer o que disseste.

A menina correu para o seu quarto e chamou pelo padrinho a quem contou a sua nova aflicção.

— Pede-lhe uma lança e um cavalo de batalha que eu lá estarei contigo.

O rei ordenou aos seus servidores que sem demora satisfizessem o pedido de Pedro, e êle, montando a cavalo, partiu a galope com a sua lança em punho.

A rainha convidou as grandes damas do reino para irem com ela para um

palacio á beira-mar e verem daí como o favorito do rei ia perder os seus créditos, não conseguindo achar o anel.

Quando S. Pedro appareceu e, olhando para o palacio, viu todas as varandas e terraços cheios de senhoras, levantou a mão e, deitando a benção, fez descer um tão espesso nevoeiro que nada poderam descortinar. Depois ordenou á afillhada que estendesse a lança para tirar o anel. Como por encanto, o anel subiu do fundo das aguas e veio enfiar-se na ponta da lança.

Cheio de alegria voltou o «moço» ao palacio onde já estava a rainha com as damas, muito desapontada com o nevoeiro que lhes tirara a vista.

O Pedro, mal enxergou a rainha, fez parar o seu belo cavallo de batalha e, pondo-se em pé nos estribos, estendeu-lhe a lança, na ponta da qual ia enfiado o anel.

O rei e toda a côrte aplaudiu com muitas palmas a gentileza do cavaleiro

e a propria rainha fingiu estar satisfeita com «o pequeno musico»

Tempos depois lembrou-se de fazer nova intriga e disse que o «rapaz» jurára ser capaz de ir á *Motrama* livrar a filha do rei que estava encantada havia muitos anos, sendo essa a causa do seu constante desgosto.

Alvoraçado com tal noticia chamou o Pedro e perguntou-lhe se era verdade o que a rainha contára.

O Pedro respondeu:

— Senhor, tal não disse, mas se a Senhora Rainha o afirma é porque é verdade.

Então o rei, no maior alvoroço e autoridade, ordenou-lhe que fosse immediatamente fazer o que dissera e se não cumprisse a sua palavra soffreria a mais afrontosa pena de morte dada aos embusteiros.

Desanimada com tanta perseguição foi a menina para o seu quarto e chamou o padrinho, debulhando-se em







lagrimas ao dar-lhe parte do sucedido.

— Não te apoquentes — respondeu S. Pedro — Quem te livrou das outras também te livrará desta. Vai ao rei e pede-lhe dois cavalos, um para ti, outro para a princesa. Depois vae sem receio que eu estarei contigo. À entrada da *Moirama* háde estar um leão. Se tiver os olhos fechados é que está acordado, espera que os abra; se tiver os olhos abertos é porque está a dormir. Então tira-lhe da bôca a chave que nela terá e abre a porta que encontrares ao teu lado esquerdo. Entra, pega na menina, e vem-te embora. Repara em todas as palavras que a princesa disser e não as esqueças.

Assim como o padrinho recomendou, assim ela fez. Quando chegou á *Moirama* viu um grande leão com os olhos abertos, que era tão grande e horrendo que fazia arrepiar os cabelos.

Com muito animo e o pensamento

no senhor seu Padrinho tirou da bôca do leão a chave e abriu a porta do cativeiro da princesa. Quando o viu, ela, que era muda, deu um grande ai. Tirou-a dali, montaram a cavallo e partiram a galope, temendo que os moiros os perseguissem.

No meio do caminho a princesa tornou a dar um ai. Ao entrarem no palácio soltou terceiro ai.

Quando os viram chegar a cavallo foi um regosijo geral e o rei, principalmente, ficou satisfeito a mais não poder. Mandou fazer festas por toda a parte e foi tal a alegria que durante muitos dias ninguem pensou senão em divertimentos e festejos.

Só a rainha não descansava na sua maldade. Como a enteada era muda foi de novo ter com o rei e disse-lhe que o Pedro afirmára ser capaz de dar fala á princesa sua filha.

E logo «o pobre musico» foi chamado á presença real e intimado a cum-

prir a palavra que déra, sob pena de morte.

— Senhor, eu não disse tal, mas se a Senhora Rainha o afirma é porque é a verdade.

Muito apouquentada recolheu ao seu quarto e chamou:

— Valha-me aqui o meu padrinho!

S. Pedro appareceu logo e, ouvindo a nova intriga da rainha, exclamou:

— Pois vai dizer-lhe que desta vez não é possível cumprires com a palavra da soberana e então estás resolvida a morrer. Pede que mandem levantar uma força deante do palácio e só desejas que toda a côrte assista á tua execução.

A menina assim fez, tal qual o padrinho lhe mandou.

O rei, muito desesperado por ter de cumprir a sua palavra de rei, mandou erguer a força mesmo em frente do palacio e marcou o dia e hora em que a pobre menina iria a enforcar.

Quando já tinha subido os degraus da força voltou-se para o rei, que estava com toda a côrte ás janelas do palácio, e pediu licença para dizer três palavras ao mundo. O rei, que chorava de pêne, concedeu-lhe essa graça, e o Pedro, voltando-se para a princesa muda, perguntou-lhe:

— Ó Ana Deladana, porque deste um ai à saída da prisão?

A princesa respondeu:

— Porque a rainha nos armou traição.

— Ó Ana Deladana, porque deste um ai no meio do caminho?

— Porque S. Pedro é teu padrinho.

— O Ana Deladana, porque deste um ai à entrada do palacio?

— Porque és femea e te crêem macho.

Ao ouvir estas perguntas e respostas, todo o pòvo se levantou numa gritaria, aclamando *a afilhada de S. Pedro* e apupando a miseravel rainha autora

de todas as intrigas que iam levando á forca uma inocente.

O rei mandou que a menina fosse logo vestida de senhora pelas aias e, como era linda de encantar, mais bela ficou com o traje proprio. Mostrou-a então ao povo e á côrte, declarando que desejava fazê-la sua esposa e expulsar a má e intrigante rainha, que todos odiavam.

Houve aplausos e regosijo geral e, cumprindo-se como disse, não houve reis nem povo mais felizes nem que melhor se entendessem, pois *a afilhada de S. Pedro* estava sempre ao lado dos pobres e dos fracos para os proteger e fazer ouvir a sua justiça

A princesa muda recuperou a fála para sempre e ficou muito bem, casando com um bom principe que muito a estimou.





A PRINCESA  
E O  
POBRE ALDEÃO



ERA uma vez um rei e uma rainha que não tinham filhos, o que lhes causava grande desgosto. Um dia nasceu-lhes uma formosa menina que trouxe grande alegria ao palacio.

Ora a princezinha veio com um sinal no corpo, que ninguem conhecia além dos pais e das suas aias e criadas de quarto.

Tinha dois cabelos nas costas, um com um colchete, outro com uma colcheta, que vinham apertar ao lado do coração. Como era coisa muito extraor-

dinaria e que nunca se tinha visto, disse o rei para a rainha :

— Não casaremos a nossa filha senão com o homem que adivinhar o segredo do sinal com que nasceu.

Para que isto constasse e todos o ficassem sabendo bem, mandaram um pregoeiro pelo mundo a anunciar as condições que os reis exigiam para conceder a mão da princesa.

Neste meio tempo cresceu, tornou-se uma bela senhora, mas por mais pretendentes que viessem, príncipes e cavaleiros de todos os países, chamados pela fama da sua beleza e espírito, nenhum era aceite porque nenhum adivinhava o tal segredo do sinal que tinha no corpo.

Tantos vieram e voltaram desanimados a suas casas que já ninguém se arriscava a apresentar-se como pretendente. Até que um pobre rapaz que vivia numa aldeola desconhecida, trabalhando nos campos e mal ganhando

para comer e sustentar os pais, vendeu os bois com que lavrava a terra, juntou alguns vintens e resolveu ir de longada até à côrte ver se descobria o signal que tinha a princesa.

Não quiz ouvir os conselhos e lamentações dos velhos pais e poz-se a caminho.

Andou, palmilhou uns bons dias de jornada, até que encontrou um homem deitado no chão com o ouvido encostado à terra.

Parou muito admirado, e perguntou-lhe o que estava a fazer.

— Olhe, chegue cá se quer ouvir — respondeu — são dois alfaiates que estão, daqui a muitas léguas, á descompostura e à pancada um ao outro por causa de uma agulha.

— Então ouve assim tão bem ?!

— Sim senhor, tudo quanto se passa eu oiço ; a questão é pôr os ouvidos à escuta.

— Quer você ir comigo para Lisbôa?

— Vou, mas quanto me dá por dia?

— Dou-lhe dōze vintens, de comer e beber.

O homem aceitou e foram seguindo viagem. Mais adiante encontraram um homem com as pernas atadas com um barbante. Preguntou-lhe o rapaz, muito admirado, para que era aquilo.

— É porque eu ando tanto, tanto, que tenho de amarrar as pernas para não passar adiante de uma lebre que estou aqui a esperar.

— Será possível que isso seja verdade?

— É, sim, senhor, póde experimentar.

— Quer vocemecê ir comigo para Lisbôa?

— Irei; mas quanto me dá?

— Dōze vintens por dia e de comer e beber; como a este meu companheiro.

O homem achou bôa a paga e seguiram todos três em direcção à capital.

Mais adiante encontraram outro su-

jeito ao pé de um grande rio, a asso-  
prar com tal força que as aguas se di-  
vidiam e ele atravessava a pé enxuto  
por sobre o leito da corrente.

O rapaz ficou boquiaberto e não se  
conteve sem que fosse também propôr-  
lhe para o acompanhar a Lisbôa.

— Sim, não terei duvida, — respon-  
deu ele — mas quanto me háde dar de  
soldada?

— Tanto como a estes meus compa-  
nheiros: dôze vintens por dia e de co-  
mer e beber.

O homenzinho da ventania aceitou  
e lá seguiram os quatro a mesma ca-  
minhada.

Mais adiante depararam com outro  
homem muito atento a fazer pontaria  
para o ar. Os quatro olharam para o  
céu, e como nada vissem encheram-  
se de curiosidade e foram-lhe pergun-  
tar:

— Olhe lá, ó tiozinho, o que está  
vocemecê a fazer?

— Estou a alvejar um passarito que subiu para cima das nuvens.

— Então vê assim tão bem ?!

— Ora se vejo! Tudo quanto quero, ainda que seja a muitas léguas de distancia.

O rapaz pensou que estava ali um excelente ajudante, que o acaso lhe fazia encontrar, e disse-lhe logo:

— Porque não vem você conosco para Lisbôa ?

— Não se me dava ir, mas quanto me paga ?

— O mesmo que a estes : dôze vintens por dia e de comer e beber.

— Está bem, aceito.

E seguiram os cinco pela estrada fóra.

Mais adiante encontraram ainda outro homem, com um moinho às costas. Muito admirado com tal força, perguntou-lhe o rapaz:

— O que anda aí a fazer com esse casarão em bolandas ?



— Olhe, meu senhor — respondeu o gigante poisando a sua carga e limpando o suor com a maior naturalidade, como qualquer moço que vai fazer um frete — eu tenho este moinho e quando está vento pego nele e ponho-o no cimo da montanha; quando há calmaria, como agora, trago-o cá para baixo e a agua do rio mo faz logo mover. Assim posso trabalhar todo o ano, e quem é pobre não tem remedio se não tratar da vida.

— O homem, com essa força póde servir-me de muito; quer você ir conosco para Lisbôa?

— Não tenho duvida em ir, a questão é da jorna.

— Dar-lhe-hei o mesmo que a estes; dôze vintens em dinheiro por dia e de comer e beber.

— Não é máu, aceito.

Seguiram então os seis, alegremente, em caminho da cidade. Mal chegaram levou-os para uma hospeda-

ria modesta, mandou-lhes dar de comer e beber á farta, e depois disse-lhes que fossem pela cidade ver e ouvir as novidades que houvesse.

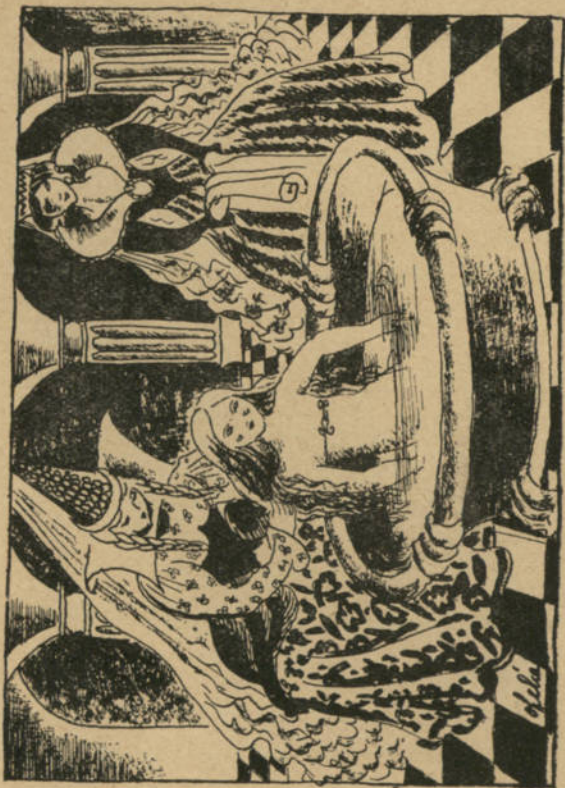
Todo o seu empenho era saber o segredo da princesa, mas não queria dar a conhecer a sua ideia, para que o não atraíssem.

Os cinco creados andaram por todas as ruas, pararam embasbacados em toda a parte, e á noite recolheram à hospedaria onde o amo os esperava.

— Então o que viram e o que souberam lá por fóra? — perguntou-lhes.

Cada um disse o que vira e mais lhe tinha agradado, e contou o que ouvira. Mas nada era interessante para o rapaz.

— Pois eu — disse o que ouvia tudo — escutei à porta do palacio e pude ouvir uma conversa das aias da princesa quando lhe estavam preparando o banho.





— Conta lá, que ha-de ser interessante, — respondeu logo o patrão, cheio de curiosidade.

— A mais velha disse: a nossa princesa nunca hade encontrar marido.

— Com certeza! Pois quem ha-de adivinhar o sinal que tem: dois cabelos com um colchete e uma colcheta que apertam sobre o coração? — respondeu-lhe a segunda.

— É impossível adivinhar, e só nós é que o sabemos.

— Mas se o contarmos teremos logo a cabeça fóra!...

— Isso é verdade! — responderam as outras — E impossível que a nossa princezinha arranje noivo, se o rei continuar a exigir essa condição.

— Agora já não póde dizer que não, porque fez um juramento e *palavra de rei não volta atraz!* Pobre princesa!...

— responderam todas as outras aias a rir.

O rapaz ficou doido de alegria. Cha-

mou o hospedeiro e deu ordem para que os cinco companheiros fossem tratados o melhor possível e os servissem do bom e do melhor, emquanto saía para tratar de um negócio urgente.

Pegou na sua aguilhada de tocar os bois e com modo desembaraçado se apresentou no palácio. Os guardas, sempre pouco amáveis para gente mal vestida, não o queriam deixar entrar, mas não tiveram remédio senão consentir que subisse porque fez tal barulho que o rei ordenou que o deixassem subir.

Na primeira sala encontrou a princesa que olhou para ele com ar soberbo e lhe disse que entrasse para a outra sala onde o pai recebia a gente ordinária que o procurava.

— Não faz mal princesa — respondeu a rir —, o que eu quero dizer não leva muito tempo. É só para lhe mostrar que sei o sinal que Vossa Alteza tem no corpo.

— Isso não é possível!

— Deixe-me Vossa Alteza entrar e falar com Sua Magestade e logo verá a verdade do que lhe digo.

O rei mandou-o entrar, e de má sombra perguntou ao que vinha.

— Saiba Vossa Magestade que descobri o segredo do sinal que a princesa tem no corpo: são dois cabelos nas costas, um com um colchete, outro com uma colcheta, que abotoam sobre o coração.

O rei quando isto ouviu caiu como morto no chão e a princesa e a rainha começaram a gritar que não podia ser aceite tal noivo.

Quando voltou a si disse o rei ao rapaz, que não fazia senão rir.

— Vamos a combinar uma coisa?!

— Vamos lá. Estou pronto para tudo.

— Pois bem, palavra de rei não torna atrás, mas vamos ainda fazer uma aposta: vou mandar um dos meus cria-

dos buscar uma bilha de água; se tu chegares primeiro, então a princesa será tua mulher; se fôr o meu criado, perderás a noiva.

— Aceito a apósta, mas ha-de ser também com um dos meus criados, que eu fico com Vossa Magestade para ver qual chega primeiro.

O rei concordou e ele foi chamar o homem que atava as pernas com um barbante para não andar demasiadamente.

Partiram os dois criados e ainda o do rei não chegára ao fim da rua já o outro estava ao pé da fonte. Encheu a bilha e pôs-se a esperar o competidor, não fosse êle enganá-lo e voltar para traz na primeira fonte do caminho.

E tanto esperou, tanto esperou, que adormeceu.

Finalmente, chegou o criado do rei, viu o outro a dormir e chegou-lhe ao nariz uma flôr dormideira que lhe dera o rei e que mais ainda o ferrou no sono.



Depois, encheu a sua bilha, despejou a do dorminhôco e foi-se embora.

Agora o rapaz, vendo que o seu moço não vinha, disse para o outro, que via para além das nuvens, que procurasse saber o que acontecera.

— Olhe, meu amo!, vejo o criado do rei quasi a chegar ao palácio e o nosso companheiro ainda a dormir ao pé da fonte.

— Válha-me Deus que estamos a perder a aposta!

Chamou o que fazia dividir os rios com o sôpro e mandou-lhe que usasse da sua habilidade. Poz-se logo a fazer tal ventania que o criado do rei foi levado pelo ar a muitas léguas de distancia com a bilha e tudo, e o andarilho acordou sobresaltado, esfregou os olhos, pegou na sua enfusa, encheu-a e num pronto se apresentou em palácio onde foi aclamado pelo povo que o esperava.

O rei quando tal viu ficou desanimado. Chamou o rapaz e disse-lhe :

— Ganhaste a aposta, mas quero fazer contigo uma combinação. Se não quizeres, então cumprirei a minha palavra.

— Vamos lá a isso.

— Dou-te todo o dinheiro que um dos teus criados possa carregar e tu deixas-me a princesa minha filha, para a casar com um príncipe de sangue.

— Está bem, vou chamar o meu criado. Também não faço empenho nenhum em casar com a princesa.

Daí a pouco apareceu com o homem que mudava os moinhos e disse-lhe:

— Carrega quanto puderes, que tudo que lewares será nosso.

Ora, não lhes conto nada! O rei a mandar vir dinheiro sobre dinheiro do seu tesouro real e o homem a metê-lo para as algibeiras enormes e a pedir mais; era um nunca acabar!

Esgotaram-se os cofres, vieram as joias, as baixelas de ouro e de prata, até que já nada havia no palácio real





e foram os criados buscar aos cofres do Estado tudo quanto lá existia.

As riquezas publicas passaram para um sacco imenso que o gigante desdobrou diante dos olhos espavoridos da côrte. Tudo quanto os servos do rei lhe traziam, vergados sob o pêsso de tanta e tanta riqueza, era nada para carregar o valentão.

O povo que isto soube começou a juntar-se debaixo das janelas do palácio e a gritar contra o rei, de modo que este, para não ficar mais miseravel do que um pedinte e não desgostar os seus vassallos, teve que pedir ao rapaz que desmanchasse o contracto e aceitasse a mão da princesa. Consentiu ele nisto, e depois de pagar generosamente aos seus cinco criados, que voltaram satisfeitos a suas casas, tratou de se vestir como principe e de tomar professores que lhe ensinassem as maneiras da côrte, de sorte que em pouco tempo era um verdadeiro senhor.

A princesa depois disto ficou muito satisfeita, não tendo nunca ocasião de dizer mal do juramento que os pais fizeram para poder casar, pois que foi muito feliz com o moço lavrador.

Este não esqueceu os velhos pais, que encheu de riqueza e satisfação, e foi finalmente um bom rei, como poucos, governando ao gosto do seu povo e aumentando a sua fama e poder.

HISTÓRIA  
DO  
REI-TURCO





**E**ra uma vez um pai que tinha três filhos. Quando morreu deixou-lhes, apenas, como herança, uma velha manta para se cobrirem.

Os dois mais velhos entenderam-se um com o outro e combinaram comprar a parte do mais moço. Este, que era bastante esperto, disse-lhes que sim, mas com a condição de o deixarem dormir no meio. Os outros concordaram e o pequeno recebeu o preço da venda e ficou satisfeito.

À noite era uma verdadeira luta,

porque cada um dos rapazes que ficava de fóra puxava para o seu lado, e nunca estavam cobertos. O mais novo, no meio, fartava-se de rir e dizia :

— Não me meto nem me tiro, tenho o meu quinhão vendido.

Perceberam os dois que estavam enganados e disseram um para o outro : — a manta está velha ; se a puxarmos muito rasga-se, então é melhor vendê-la e irmos correr terras a vêr se sômos mais felizes.

— Então vocês — disse o mais pequeno — querem ir-se embora e não trê levam ?

— Não, porque estás muito esfarrapado e vais-nos envergonhar.

— Não importa ! Digam que sou criado.

— Pois está dito, assim podemos levar-te.

Pozeram-se a caminho e andaram, andaram todo o dia, até que ao sol posto, já cançados da marcha, senta-

ram-se sobre uma grande lage que estava á beira do caminho. Eis senão quando aparece-lhes um gigante, que era o Rei-Turco, e diz-lhes com um voseirão de arrepiar:

— Quem sois vós que vos atreveis a tapar a porta do meu palácio?

Responderam logo a tremer os três pobres rapazes:

— Ó senhor, nós não sabíamos que esta lage era a porta do vosso palacio! Queira desculpar, senhor Rei-Turco, a três humildes rapazes que andam pelo mundo a perguntar fortuna.

— Pois então venham cá para baixo que eu lhes dou emprêgo.

Fê-los descer, deu-lhes ceia, e depois mandou a mulher deita-los ao pé das filhas, que já dormiam. Os dois mais velhos adormeceram logo, agora o mais novo estava atento ao que se passava.

Daí a pouco levantou-se o Rei-Turco e fòi apalpar os hospedes, a vêr se eles

dormiam: o pequeno fingiu que ressonava e o rei enfiou-lhes a todos três umas carapucinhas na cabeça, para os diferenciar das filhas, deitadas na mesma cama.

O rapazito, logo que êle deu costas, trocou rapidamente os carapuços pelas coifas das pequenas e esperou.

Alta noite sente voltar o gigante que, apalpando as cabeças que tinham os barretes, as decepou dum só golpe, cuidando que eram as dos hospedes.

Percebendo que não estavam em bons lençoes quando chegasse a manhã, vai o pequeno e chama os irmãos dizendo-lhes que era preciso fugir imediatamente, pois em dando pelo engano o gigante os mataria logo.

Pozeram-se a caminho e andaram, andaram todo o resto da noite, até que de manhã chegaram a outro reino, onde o Turco já nada lhes podia fazer.

Dirigiram-se ao paço a oferecer ao rei os seus serviços. Havendo falta de





criados aceitaram os dois para as cavalariças e o mais pequeno para ajudante do jardineiro.

Como este era esperto e atencioso todos gostavam dele, vendo-se em poucos dias completamente transformado, bem vestido, muito limpo, e sempre alegre e trabalhador. A princesa viu-o e achou-lhe muita graça, e ele, para a fazer rir, pegou um dia em si e pôz na cabeça uma das coifas das meninas turcas e foi assim trabalhar.

A filha do rei, que o viu da janela, achou a coifa muito interessante e mandou-lhe perguntar pela sua aia se a queria vender.

— Não — respondeu o rapazito — diga à Senhora Princesa que não lha vendo, que lha dou de bôa vontade se fôr minha amiga.

— Sim, pequenito, gosto muito de ti — respondeu ela quando lhe deram o recado.

Passados dias pôs a segunda coifa

e a princesa, vendo-o da janela, tornou a mandar perguntar pela aia se lha vendia, ao que o rapazinho respondeu que não lha vendia mas sim lha dava se fosse sua amiga. A princesa, disse que sim, que gostava muito dele, e ficou senhora da segunda coifa.

Tornou a deixar passar alguns dias e pôs a terceira coifa, acontecendo o mesmo que já tinha sucedido com as outras.

Numa palavra, o pequeno era o «ai Jesus» de toda agente; já sabia de jardinagem tanto como o mestre e andava no ultimo apuro.

Os irmãos, que não passavam de infimos criados das cavaliças, tinham-lhe muita inveja, e tanto que se lembraram de dizer ao rei que o pequeno tinha dito ser capaz de ir roubar a cobertura de campainhas do Rei-Turco, seu mortal inimigo.

O rei mandou-o logo chamar e disse-lhe:



— Pequenito, como afirmaste que eras capaz de me trazer a coberta de campainhas do meu inimigo Rei-Turco, espero que isso farás.

— Real Senhor!, tal não disse. Mas se manda, obedecerei.

— Pois mando, sim. Se ma trouxeres, ficas meu criado particular; se não ma trouxeres, mando-te matar.

O pequeno foi, chegou a casa do Rei-Turco, entrou sem que ninguém o visse e meteu-se-lhe debaixo da cama.

Quando sentiu o gigante adormecido deu-lhe um grande puxão á coberta; o outro, cuidando que era o gato, gritou:

— Sape gato!, não me deixas dormir.

Daí a pouco, quando ele estava outra vêz adormecido, o pequeno deu outro puxão á coberta.

O Rei-Turco, muito zangado, disse, cuidando que era o gato:

— Pega lá a coberta, deixa-me dormir descansado.

E atirou-a ao chão. Foi o que o pe-

queno quiz. Agarrou nela e fugiu, tendo de atravessar o mar para chegar ao reino do seu senhor.

Quando o Rei-Turco se levantou e não viu a sua coberta, foi ter com um papagaio que tinha, que era *adivinhão*, e disse-lhe:

— Papagaio!, quem me roubou a minha coberta?

— Foi o pequenito que está ao serviço do teu inimigo. Não o vês a atravessar o mar?

O Rei-Turco foi á varanda e vendo-o ao longe perguntou-lhe por uma buzina:

— Pequenito!, voltarás cá?

— Não sei, não sei!, respondeu êle por outra buzina.

Triunfante, chegou ao palacio e apresentou a coberta ao rei, que ficou muito satisfeito e o fez logo seu criado particular.

Ora os irmãos com isto ainda mais o invejaram e pouco tempo depois fo-

ram inventar que êle dissera ser capaz de ir buscar o papagaio *adivinhão* do Rei-Turco.

O rei ficou entusiasmado, porque era das coisas que mais desejava possuir, e chamou-o logo, dizendo :

— Pequenito, então tu disseste que eras capaz de ir buscar o *adivinhão* que tem o meu inimigo?

— Real Senhor!, tal não disse; é uma calunia que inventaram para me perder. Mas se Vossa Magestade ordena, lá irei.

— Pois vai, que se conseguires isso farte-te hei ministro da corôa.

O pequeno foi, introduziu-se no palacio do Rei-Turco e teve artes de trazer o papagaio.

O rei ficou contentissimo e nomeou-o logo seu primeiro ministro. Os irmãos estoiravam de inveja, pois emquanto o pequeno chegava a tanta grandeza eles não passavam de moços de cavaliça, como tinham entrado para o palacio.

E vai, lembraram-se de nova intriga para perderem o irmão — que era fazer constar ao rei que o ministro se gabava de ser capaz de ir buscar o proprio inimigo.

O rei ficou contentissimo, dizendo:

— Se o pequenino fosse capaz de tal, eu dava-lhe tudo quanto êle quizesse. Casava-o até com a princesa!

Mandou-o chamar e perguntou-lhe se tal dissera.

— Não, Real Senhor!, tal não disse; mas se manda, obedeco.

— Pois mando, vai. Se conseguires o que desejo, dou-te a mão de minha filha; se não, mando-te cortar a cabeça.

O rapaz foi para bordo dum navio, pintou-se de preto, vestiu-se de aguadeiro mexicano, poz um cantaro ao hombro, e foi apregoar agua para defronte do palacio do Rei-Turco. Daí a bocado mandou-o este chamar, para lhe dizer:

— Anda cá pretinho!, tu donde vens?





— Do reino visinho.

— Então conheces lá um pequenito que não era nada e hoje é ministro da corôa?

— Ora se conheço!, como os meus dedos. É um grande marôto.

— Pois eu queria muito vê-lo na minha presença.

— Nada mais facil!

— Ora essa, então como? Tenho-lhe tanta raiva que se o visse estrangulava-o logo.

— Pois está Vossa Magestade como eu. Se o quer apanhar não é difficil; mande fazer um caixão de oiro todo cravejado de pedras preciosas e eu levo-o no navio em que vim e vou vendê-lo ao pequenito, que é muito curioso de coisas ricas e belas. Quando Vossa Magestade estiver dentro do palácio fará como entender.

— Bôa ideia! Arranja tu isso, que ha-de ficar bem.

Mandaram fazer o caixão, segundo

o risco dado pelo rapaz, e o Rei-Turco meteu-se nele e foi assim para o navio. Uma vez ali, o pequeno fechou-o à chave e assim chegou à cidade do seu rei.

Desembarcou, mandou levar o caixão precioso para o palácio e depois de tudo prevenido abriu-o deante do rei e da corte dizendo :

— Real Senhor !, aqui tendes o vosso inimigo !

E para ele gritou :

— Querias-me na tua presença, aqui me tens !

Mas vieram logo guardas que prenderam o gigante e o levaram, por ordem do rei, para um forte carcere.

O pequenito casou com a princesa e foi um bom rei, e muito felizes se julgaram ambos.

Os irmãos foram expulsos do país e nunca mais tiveram ordem de lá voltar, pois o pequenito nada mais lhes quiz fazer.



## ÍNDICE

	Pág.
O Príncipe das Maçãs de Ouro. . . . .	5
A Afilhada de S. Pedro . . . . .	31
A Princesa e o Pobre Aldeão . . . . .	55
História do Rei Turco. . . . .	77

A CAPA E AS ILUSTRAÇÕES  
DESTE LIVRO FORAM DESE-  
NHADAS POR OFELIA MARQUES



